

***Brincar e Transgredir: Perspectivas comunitárias
sobre o lazer na Região Turística da Costa do Sol
(RJ, Brasil)***

***Playing and Transgressing: Community perspectives on
leisure in the Costa do Sol Tourist Region (RJ, Brazil)***

Yasmin Xavier Guimarães Nasri

Professora da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo – EACH/USP Leste, São Paulo/SP, Brasil.

E-mail: yasminnasri@usp.br

Marta de Azevedo Irving

Professora e pesquisadora sênior do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS/IP/UFRJ, Botafogo/RJ, Brasil.

E-mail: mirving@mandic.com.br

Samira Lima da Costa

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS/IP/UFRJ, Botafogo/RJ, Brasil.

E-mail: biasam2000@gmail.com

Artigo recebido em: 27-10-2024

Artigo aprovado em: 16-04-2025

RESUMO

Este artigo parte de um profundo desconforto com a literatura dominante no campo de estudos do lazer, vinculada a uma perspectiva de mundo moderno-ocidentalizada homogeneizante, como resultado de um processo histórico de colonização epistêmica que vem deslegitimando outras possibilidades experienciais nos territórios dos povos do Sul Global. A pesquisa propõe uma discussão crítica sobre o lazer ancorada em um debate descolonial, à luz das questões complexas que atravessam esse campo de estudos na América Latina. Para isso, buscou-se tensionar algumas afirmações entendidas como universalizantes que estabelecem uma relação binária e dicotômica entre tempo de trabalho e de lazer, concedendo a este último uma importância apenas secundária na escala de prioridades de uma sociedade produtivista. Tendo esse debate como ponto de partida, o objetivo da pesquisa foi mapear perspectivas comunitárias sobre o lazer, a partir de pistas apreendidas na vivência com populações caiçaras e quilombolas na Região Turística da Costa do Sol, no estado do Rio de Janeiro. Para tal, o percurso metodológico se apoiou em levantamento bibliográfico, além da imersão no campo de estudo entre 2020 e 2023, para acompanhamento de eventos comunitários. Nesses contextos, a prática do lazer está associada a uma dinâmica de espaço-tempo peculiar que convida à reinvenção, ao reencantamento e à reafirmação da vida mesmo quando as práticas coletivas estão cotidianamente ameaçadas pelas tendências capitalistas/neoliberais, concretizadas sobretudo pela especulação imobiliária e o turismo de massa.

Palavras-chave: Lazer. Povos e Comunidades Tradicionais. Decolonialidade. Região Turística da Costa do Sol.

ABSTRACT

This article starts from a deep discomfort with the dominant literature in the field of leisure studies, linked to a homogenizing modern-westernized worldview, as a result of a historical process of epistemic colonization that has been delegitimizing other experiential possibilities in the territories of the peoples of the Global South. The research proposes a critical discussion about leisure anchored in a decolonial debate, in the light of the complex issues that cross this field of studies in Latin America. For the purpose, we aimed to emphasize some statements understood as universalizing that establish a binary and dichotomous relationship between work and leisure time, granting the latter only a secondary importance in the scale of priorities of a productivist society. Having this debate as a starting point, the objective of the research was to map community perspectives on leisure, based on clues learned in the experience with caiçara and quilombola populations in the Costa do Sol Tourist Region, in the state of Rio de Janeiro. To this end, the methodological approach was based on a bibliographic survey, in addition to immersion in the field of study between 2020 and 2023, to monitor community events. In these contexts, the practice of leisure is associated with a peculiar space-time dynamic that invites the reinvention, re-enchantment and reaffirmation of life even when collective practices are daily threatened by capitalist/neoliberal tendencies, materialized above all by real estate speculation and mass tourism.

Keywords: Leisure. Traditional Peoples and Communities. Decoloniality. Costa do Sol Tourist Region.

1. INTRODUÇÃO

O modelo atual de desenvolvimento, sustentado em bases econômicas ancoradas no sistema moderno/capitalista/neoliberal, tende a negligenciar a complexa constelação dos modos de vida, organização e reprodução comunitárias contra hegemônicos, pulsantes, sobretudo, no Sul Global (Krenak, 2019; 2020). O silenciamento histórico dos diversos modos de habitar o mundo e das cosmologias associadas, buscou, no encontro colonial, alocar a herança tradicional e ancestral às margens do processo de “modernização”, por meio de uma leitura da realidade baseada em estruturas reducionistas e binárias que confluíram para o que pode ser denominado como uma “cegueira epistêmica” na atualidade (Aráoz, 2020).

Embora nesse processo seja negada a coexistência de diferentes percepções de mundo constituídas pela dimensão da alteridade e construídas em distintas bases epistemológicas daquelas dominantes na sociedade ocidental, urbana e industrializada, estas permanecem potentes no cotidiano das práticas culturais do Sul Global. Em grande parte, esses movimentos plurais, comunitários e colaborativos se expressam por meio de manifestações políticas, sacras, místicas, terapêuticas, identitárias, históricas e festivas que contribuem para o próprio sentido de resistência nesses territórios (Rufino, 2019; Simas, 2021).

Nesse contexto, é importante reconhecer que entre os movimentos coletivos capazes de viabilizar espaços dialógicos e trocas de experiências espontâneas entre os atores sociais, a fruição lúdica das práticas culturais por meio do lazer representa uma via essencial para a transformação, no sentido de inspirar novos modos de criação coletiva no âmbito das relações sociais. Contudo, muitas são as barreiras para esse movimento, também em razão de um processo de colonização epistemológica, orientada pelo pensamento do Norte Global, que vem privilegiando uma leitura predominantemente funcionalista sobre o tema. Vale lembrar ainda que, no contexto da Revolução Industrial, a prática do lazer esteve associada à função de evasão do mal-estar proveniente das longas jornadas de trabalho e, posteriormente, na contemporaneidade, vem sendo articulada ao desejo crescente de fuga da crise civilizatória. Além disso, uma outra leitura de viés mercadológico vem também sendo utilizada nesse campo de estudos articulada aos pressupostos do capitalismo que interpreta o lazer em conexão direta com a indústria do entretenimento de massas, com o objetivo claro de estimular a produção incessante de desejos e consumo.

No contrafluxo desse movimento, esta pesquisa, baseada em Nasri (2018); Nasri et al. (2020); Fonseca et al. (2023); Nasri et al. (2023), entre outras produções acadêmicas, buscou

construir uma leitura contra hegemônica e latino-americana sobre o lazer, a partir do convite de Gomes (2017) que denuncia a “colonização teórica” nesse campo de estudos, apresentando pistas teórico-conceituais e metodológicas para o registro de saberes e práticas culturais comunitárias associados ao tema na América Latina (Gomes et al., 2009; Gomes, 2011), silenciados e invisibilizados no movimento de imposição epistemológica e de colonização subjetiva protagonizadas pelo denominado “Norte global”. Com esse ensejo, o objetivo da pesquisa foi mapear perspectivas comunitárias sobre o lazer, a partir de pistas apreendidas na vivência com populações caiçaras e quilombolas na Região Turística da Costa do Sol, constituída por 13¹ dos 92 municípios do estado do Rio de Janeiro (Setur, 2017).

A Região Turística da Costa do Sol é considerada uma das áreas mais importantes para as salvaguardas das naturezas e culturas na zona costeira do estado do Rio de Janeiro. Por essa razão, é reconhecida também como uma das principais indutoras do turismo de “Sol e Praia” e uma das mais visitadas no contexto fluminense. Além disso, com um perfil socioeconômico diversificado, nela se manifesta um conjunto de atividades tradicionais locais, como a pesca e coleta de mariscos, mas, também, inúmeros investimentos de grande porte, associados às atividades de extração de petróleo e gás, além daqueles vinculados à especulação imobiliária e ao mercado hoteleiro, por meio de resorts e casas de veraneio (La Rovere et al., 2015).

Assim, parece importante reconhecer que o sentido dominante de lazer promovido na região, com base na dinâmica convencional de entretenimento balneário, tende a envolver atividades náuticas de mergulho, stand up, windsurf, kitesurf e passeios de barco, que inspiram o modelo de desenvolvimento econômico regional, com inúmeras opções de infraestrutura, equipamentos e serviços turísticos disponíveis para assegurar essas práticas². Desse modo, o lazer na região parece ser orientado, ainda, por uma perspectiva utilitarista, inspirada pelo sentido de fuga e evasão da rotina das metrópoles, pouco conectado com o compromisso ético de salvaguarda cultural das comunidades locais e proteção das naturezas.

Esse processo parece conduzir ao silenciamento e à invisibilização da diversidade de práticas culturais pulsantes no território. Nesse sentido, a pluralidade cultural da região está vinculada, principalmente, ao cotidiano das comunidades caiçaras e quilombolas que vêm

¹ Araruama, Arraial do Cabo, Armação dos Búzios, Cabo Frio, Saquarema, São Pedro da Aldeia, Carapebus, Casimiro de Abreu, Iguaba Grande, Macaé, Maricá, Quissamã e Rio das Ostras.

² Uma clara ilustração em favor desse argumento é o contexto do município de Armação dos Búzios, ícone para o turismo de “Sol e Praia” na região que concentra, aproximadamente, 10% de todo o fluxo de turistas estrangeiros no Brasil (IOT, 2018).

sendo pressionadas, cada vez mais, a se retirarem de seus territórios nativos, conforme identificado em pesquisas anteriores na região, como em Côrrea e Fontenelle (2012); Teixeira (2017); Nasri (2018; 2023); e Rodrigues (2019). Por essa razão, a presente pesquisa busca apresentar um contraponto a essa leitura hegemônica sobre o tema, a partir das perspectivas comunitárias.

Para que se compreenda o eixo lógico do artigo, este está estruturado em quatro seções. A primeira apresenta uma breve introdução sobre o tema. A segunda sintetiza o debate sobre as perspectivas latino-americanas e comunitárias sobre o lazer. A terceira descreve os caminhos metodológicos da pesquisa. A quarta seção, por sua vez, resume os resultados alcançados, a partir de três eixos analíticos. Por fim, as conclusões buscam delinear possibilidades para se buscar avançar na produção de uma epistemologia contra hegemônica sobre o lazer.

2. DECODIFICANDO A LITERATURA SOBRE LAZER

A “modernidade”, como um novo paradigma que passou a orientar, no plano global, as tendências de políticas públicas, mas também os imaginários sobre uma suposta “superioridade civilizatória”, buscou romper impositivamente com as tradições e ancestralidades socioculturais, tendo como núcleo fundante a estratégia de “colonialidade do poder”, conforme proposto por Quijano (2000; 2005), que permeia todas as dimensões da vida humana, como as relações étnico-raciais, políticas, econômicas, de trabalho, entre outras. Com base nessa perspectiva colonial, inúmeras afirmações passaram a ser entendidas como universalizantes, estabelecendo uma relação binária e dicotômica entre várias dimensões da vida. Um claro exemplo nesse sentido se expressa, por exemplo, na relação entre tempo de trabalho e de lazer (Gomes, 2011), sendo este último entendido como de importância apenas secundária na escala de prioridades de uma sociedade produtivista que encontra, não raro, na indústria cultural de massa, a oportunidade de manutenção dos seus dispositivos de dominação, poder e alienação coletiva.

Como vias para a alienação e manipulação na sociedade contemporânea, identifica-se a clara tendência ao denominado “lazer simulacro” (Nasri, 2023), ou ainda, “lazer sintético” (Bispo dos Santos, 2015), projetado e induzido por agentes externos ao território, por meio de circuitos homogeneizantes e superficiais de entretenimento, em áreas urbanas ou rurais. A consolidação desse movimento vem se efetivando por meio da descaracterização e distorção

dos valores históricos, culturais e identitários locais que são apresentados como “espetáculos” para atender às demandas, sobretudo, da classe média urbana e consumidora de naturezas e culturas. Um aspecto fundante dessa prática se refere, portanto, à fugacidade e à superficialidade de tais “espetáculos”, para que o seu conteúdo não influencie na dimensão existencial do público observador (Carvalho, 2010), de modo que esse não passe a questionar ou buscar transformações em seu próprio cotidiano.

Assim, a inserção do dito “tempo livre” na lógica capitalista e neoliberal tende a criar novos imaginários e projetar desejos homogeneizantes no campo de experimentação do lazer. Nesse sentido, o domínio de uma perspectiva ocidental e eurocentrada de mundo vem construindo um sentido de lazer sob a relação paradoxal entre trabalho, descanso e consumo, no plano dos entretenimentos de massa. Na leitura de Figueiredo e Saré (2014), essa tendência afasta a possibilidade de um debate crítico mais profundo e politizado sobre o tema. Nesse contexto, emergem como prioridade nesse campo de debate em construção, novos referenciais e narrativas contra hegemônicas para se pensar o lazer, a partir das práticas desenvolvidas no cotidiano dos territórios do Sul Global. Em sintonia com esse argumento, Maurício et al. (2021, p. 702) convidam os pesquisadores interessados nesse tema a “buscar olhares para o campo do lazer a partir de experiências étnicas/raciais nas quais os sujeitos estão inseridos em outras temporalidades e territorialidades – seja na festa, na aldeia ou na rua –”.

Com base nos argumentos apresentados, pode-se, portanto, compreender, nos países latino-americanos, o efeito do movimento de “colonização teórica” da noção de lazer (Gomes, 2017). No contrafluxo desse processo, autores quilombolas como Bispo dos Santos (2015) e indígenas como Krenak (2020) reafirmam a diversidade de saberes e práticas dos povos e comunidades tradicionais, compreendendo serem estes “paraquedas coloridos”, capazes de amortecer o declínio inevitável do sistema vigente. Ou ainda, em outras palavras, vias capazes de “adiar o fim do mundo” (Krenak, 2019) e “suspender a queda do céu” (Kopenawa & Albert, 2015), no sentido de vislumbrar alternativas mais alinhadas com os princípios éticos de uma convivialidade duradoura baseada no “paradigma do cuidado” (Toro-Arango, 2018) entre comunidades humanas e não humanas, como contraponto à lógica individualista e competitiva disseminada pelas iniciativas vinculadas ao capitalismo/neoliberalismo.

Convém destacar, ainda, que muitos povos e comunidades tradicionais da América Latina não distinguem diretamente o tempo de trabalho daquele sem obrigações laborais, domésticas, familiares, entre outras. Isso porque algumas das premissas usualmente vinculadas

ao lazer, como um sentido de alegria compartilhada, satisfação e sociabilidade, podem também estar associadas à vivência das relações de trabalho e às demais dimensões do cotidiano, como aquelas referentes à fruição da cultura, à vivência espiritual e sacra, à experimentação dos jogos e brincadeiras, à convivialidade e ao aprendizado individual e coletivo (Martins, 2016; Pessoa, 2020).

O movimento de questionar as premissas vinculadas ao lazer, a partir de outras leituras de mundo, implica, assim, no repensar de quatro dimensões envolvidas diretamente na sua prática e que poderiam inspirar uma via epistemológica contra hegemônica para orientar a discussão sobre o tema na América Latina, conforme sintetizado no Quadro 1, a seguir.

Quadro 1

Dimensões que fundamentam uma leitura contra hegemônica sobre o lazer.

| | |
|--------------------|--|
| Tempo | Não necessariamente fragmentado, cronometrado e regido pelos padrões dos finais de semana, férias e feriados coletivos, mas vinculado ao desfrute do momento presente, no cotidiano. |
| Espaço | Não necessariamente implica em deslocamentos de um lugar a outro, podendo se concentrar no próprio território que possibilita o encontro e a construção de vínculos sociais cotidianos. |
| Ludicidade e | Permanente expressão humana que atribui sentidos e significados plurais à cultura, manifestada no brincar, festejar e socializar. |
| Práticas culturais | Conteúdos múltiplos e polissêmicos, vinculados à alegria, espontaneidade, satisfação e potencialização da vida que permitem pactos e a construção dos valores sociais e identitários comunitários. |

Fonte: Elaborado pelas autoras (2024), a partir das leituras de Gomes (2004) e de Rodrigues et al. (2020).

A interpretação descolonial dessas quatro dimensões (tempo, espaço, ludicidade e práticas culturais), bases para a prática do lazer, parte do reconhecimento das próprias vivências cotidianas no contexto de comunidades que compartilham de outras cosmovisões. Assim, sob a perspectiva comunitária do Sul Global, as relações de espaço e tempo não são necessariamente lineares e fragmentadas, e tem conexões com “a dimensão da existência, do cotidiano, do trabalho, da luta, da devoção e da celebração” (Maurício et al., 2021, p. 697). Por essa razão, as diversas dimensões existenciais estão integradas e são fluidas no cotidiano, não podendo ser entendidas dissociadas da dinâmica social, em seu sentido mais amplo. Além disso, a prática do lazer tende a contribuir para a reinvenção de modos de convivialidade comunitária, em um movimento de fortalecimento dos vínculos afetivos, sujeitos a tentativas recorrentes de esgarçamento e dilaceração, como resultado das lógicas capitalista e neoliberal nos próprios territórios de vida.

Também por essa razão, apesar de ainda pouco debatido na literatura acadêmica, o lazer pela perspectiva latino-americana e contra hegemônica parece estar diretamente vinculado à cultura popular, às experimentações lúdicas cotidianas, às dinâmicas de improvisação e às

práticas comunitárias anônimas. Por isso, adotar o lazer como objeto de estudo pressupõe um engajamento mais amplo do que aquele entendimento reduzido à oposição às relações de trabalho e dos modos de produção, estejam eles circunscritos no modelo capitalista ou não. Isso porque, embora seja recorrente a percepção do lazer como elemento secundário da vida em sociedade, com função complementar à laboral, ele se expressa no cotidiano de todas as coletividades, sejam elas ocidentais ou não, urbanas ou rurais, camponesas, indígenas, quilombolas, ribeirinhas, pescadoras tradicionais, entre tantas outras (Gutierrez, 2000; Gomes, 2011; Figueiredo & Saré, 2014; Vieira, 2014).

Com base nessa abordagem teórica, a seguir, se busca resumir o caminho metodológico adotado para a pesquisa.

3. TRAVESSIA METODOLÓGICA DA PESQUISA

À luz do debate da decolonialidade, esta pesquisa buscou inverter o caminho metodológico, partindo da imersão no campo de estudos, em 2020. Assim, iniciou-se o processo de reflexão da questão de pesquisa a partir da observação participante (Mónico et al., 2017) na imersão das experiências comunitárias de populações caiçaras e quilombolas na Região Turística da Costa do Sol, registradas em Caderno de Campo (Beaud & Weber, 2003). Esse movimento buscou colocar em prática o exercício de tensionamento epistêmico sobre o tema em foco, a partir das próprias realidades vividas.

Nesse sentido, entre 2020 e 2023 foram acompanhados 23 eventos organizados pelas comunidades locais, no sentido de reivindicação por direitos, além de festas populares, comemorações religiosas, intervenções pedagógicas e encontros cotidianos com fins de sociabilidade, incluindo piqueniques, caminhadas em trilhas, puxadas de rede na praia e coleta coletiva de frutos silvestres. Com esse direcionamento, buscou-se identificar as percepções comunitárias sobre o lazer, além de registrar as práticas culturais envolvidas, experimentadas no cotidiano desses grupos sociais, registradas também em produções audiovisuais. O método escolhido buscou exercitar o descolamento do conjunto de valores, significados e referências próprios das pesquisadoras, possibilitando uma abertura às manifestações culturais das comunidades envolvidas, com suas concepções de mundo e experiências significativas.

Posteriormente, a pesquisa bibliográfica foi realizada no sentido de ancorar o processo de observação participante, a partir da definição de um conjunto de palavras-chave, que teve

por objetivo apreender importantes pistas para responder, ainda que parcialmente e de forma situada, à questão inspiradora mais ampla da pesquisa: “Que significados contra hegemônicos sobre o lazer emergem do cotidiano dos povos tradicionais do Sul Global?” Assim, a busca bibliográfica partiu de termos como “Lazer”, “Povos e Comunidades Tradicionais”, “Decolonialidade” e “América Latina”, usadas em combinação, nos idiomas português e espanhol. Para sistematizar o arcabouço teórico levantado foi utilizada a ferramenta de análise de dados qualitativos ATLAS.ti (Versão 9.1.7), um *software* alemão que possibilita organizar e gerenciar o referencial bibliográfico em unidades hermenêuticas, por eixos temáticos, reunindo autores e citações, facilitando, assim, a elaboração e interpretação de mapas conceituais.

Para a sistematização e análise do material obtido, três etapas foram desenvolvidas, com base em Análise de Conteúdo (Bardin, 2016): 1) Organização e leitura do material obtido; 2) Definição de categorias temáticas *a posteriori*, em três eixos temáticos de análise; e, 3) Interpretação dos resultados, a partir das informações obtidas em campo, complementadas pelos levantamentos de fontes de dados secundários. Desse modo, os três eixos de análise da pesquisa foram: a) Percepções e Memórias Identitárias, b) Percepções Silenciadas pelo “Progresso” e c) Percepções Insurgentes. O trilhar metodológico descrito possibilitou desvelar as percepções de lazer sob a lente comunitária, em direção a uma construção contra hegemônica sobre o tema.

Nesse sentido, com base nas etapas metodológicas descritas, a seguir, se pretende sintetizar as reflexões da pesquisa, a partir das pistas colaborativas apreendidas junto às comunidades caiçaras e quilombolas da Região Turística da Costa do Sol.

4. REFLEXÕES SOBRE O LAZER SOB A PERSPECTIVA COMUNITÁRIA

Como anteriormente mencionado, o material obtido em campo foi revisitado para a definição, *a posteriori*, de três eixos temáticos, analisados com base em uma adaptação da Análise de Conteúdo de Bardin (2016): a) Percepções e Memórias Identitárias, b) Percepções Silenciadas pelo “Progresso” e c) Percepções Insurgentes. Com esse direcionamento, a imersão nos registros de campo possibilitou avançar, ainda que preliminarmente, na construção de uma leitura contra hegemônica sobre o tema, desvelando significados possíveis para o lazer, desde um olhar latino-americano e comunitário, conforme debatido, a seguir, por eixo analítico.

a) Percepções e Memórias Identitárias

Nesse primeiro eixo de análise foram sistematizadas percepções e memórias que ancoram o sentido de lazer pela via do pertencimento ao coletivo. Essa categoria foi definida a partir da identificação de que as vivências lúdicas das práticas culturais comunitárias são construídas com base no compartilhamento de valores históricos, místicos, ritualísticos, terapêuticos, entre outros, que se expressam como vias para a experimentação do lazer, no cotidiano.

Entre as práticas desenvolvidas historicamente na região, as atividades associadas às casas dirigidas à produção de farinha, a partir da mandioca plantada nas roças locais, constituíam ocupações fundamentais para a segurança alimentar. Embora consideradas como atividades que exigiam grande esforço físico, com longas jornadas de cultivo e produção, o lazer com sentido de sociabilidade se expressava claramente nesse contexto. Isso porque, a produção de farinha era realizada coletivamente, com o envolvimento, principalmente, de mulheres e meninas. Nesse caso, como a produção de farinha ocorria durante longas madrugadas, esse tempo dirigido ao trabalho, representava também uma oportunidade de encontro comunitário lúdico, por meio de brincadeiras entoadas por cantigas, discussões sobre temas relevantes para o coletivo e, ainda, a construção de laços amorosos. A relação entre trabalho, lazer e sociabilidade emergia, assim, como uma tríade essencial para a constituição de vínculos, para a transmissão intergeracional de saberes e práticas - já que esse era o momento em que as mães ensinavam o ofício às filhas -, além de assegurar a salvaguarda da própria sobrevivência coletiva, uma vez que, como se vivia no passado em um contexto de grande isolamento territorial, toda a produção da região era artesanal.

Além da produção de farinha, a pesca é também decodificada localmente como uma importante prática cultural que tem contribuído para garantir a subsistência alimentar. Por representar uma das principais atividades cotidianas, a negociação de regras comunitárias para o uso coletivo do mar, com base no revezamento diário dos grupos, garantia, assim, desde tempos remotos, que todos pudessem ter acesso ao pescado. Como alguns possuíam canoas e as emprestavam aos demais, estes recebiam em troca uma parte do pescado capturado. Um aspecto interessante reconhecido nesse contexto é o respeito às pactuações comunitárias com relação ao uso do espaço, no sentido do manejo tradicional do território coletivo que parece ser mediado por um sentido de compartilhamento e não de competitividade. O sentido de

compartilhamento se expressa, também, na repartição do “quinhão” na pesca, ou seja, na divisão coletiva do pescado com os demais envolvidos na puxada de rede. Nesse caso, o sentido de lazer se expressa, desde a origem, na articulação entre a pesca e os jogos coletivos que implicam em uma certa sintonia dos movimentos do grupo, tanto na condução do barco no mar quanto na puxada de rede na praia, resultando no fortalecimento das relações de confiança e pertencimento.

A produção do brincar coletivo com base nas práticas culturais se vincula, também, aos saberes sobre o território e, nesse caso, em especial, sobre a restinga, envolvendo conhecimentos transmitidos entre gerações sobre quais frutos coletar, por onde caminhar e onde obter água potável. Nesse caso, é interessante perceber a construção de uma outra “gramática de mundo”, que permeia um sentido de valorização cultural e uma “alfabetização das naturezas” dirigida ao aperfeiçoamento das práticas no território. O respeito e a reverência aos ciclos das naturezas parecem ser fortalecidos, ainda, por histórias e ritos contados pelos anciãos aos mais jovens. Isso porque, como a restinga e o mar são considerados sagrados, no processo passa a ser definido um acordo comunitário de ali não entrar, por exemplo, no Dia de Finados e na Sexta Feira Santa. Nesse sentido, as memórias sociais e as crenças comunitárias que constituem a identidade coletiva da região parecem prover de significados as práticas culturais locais de lazer.

b) Percepções Silenciadas pelo “Progresso”

Grande parte das comunidades locais parece associar os sentidos de lazer aos modos de vida no passado, quando havia um grande isolamento territorial da região. Isso porque, o encontro com “o Outro”, vindo de fora, parece ter sido traumático em várias fases históricas, principalmente devido à transformação dos vínculos de confiança e convivialidade comunitária, por meio da introdução progressiva, nessa dinâmica, das relações de coerção e opressão social entre os “de fora” e os nativos. Nesse sentido, um primeiro momento histórico referenciado na pesquisa foi a chegada dos colonizadores à região, traficando afro-brasileiros para executar o trabalho forçado. As percepções comunitárias sobre esse período são carregadas de afeto e emoção, tendo em vista o desafio da sobrevivência, após a “libertação” dos povos escravizados que não tinham onde se refugiar e que precisavam garantir a sua segurança alimentar. Sobre esse aspecto, o encontro entre os povos indígenas e afro-brasileiros foi

ressaltado como uma via fundamental, à época, para o aprendizado da pesca e do cultivo nas lavouras.

A partir desse momento histórico, foram formadas diversas comunidades quilombolas que se distribuíram no território que atualmente corresponde à Região Turística da Costa do Sol, dentre as quais, onze permanecem, na atualidade, como esferas de resistências sociais. No que tange ao lazer, especificamente, como desdobramento do processo de colonização, a segregação racial se refletiu nos modos de convivência e fruição coletiva, por exemplo, na organização dos bailes, por meio da separação entre o “baile do preto” e o “baile do branco”. Contudo, desde o início do processo se observava também o que poderia ser entendido como um “espírito subversivo local”, com relação à ordem hierárquica racial imposta, cujas regras não eram seguidas à risca de modo que os descendentes quilombolas também participavam do “baile dos brancos”, apesar de se considerarem negros. Assim, um movimento de resistência também evidenciado pela prática do lazer desses grupos tradicionais.

Nesse processo histórico e após um longo período de isolamento territorial da região, a construção da ponte Rio-Niterói favoreceu, de maneira evidente, os deslocamentos de ocupação na direção do interior do estado do Rio de Janeiro. Nesse sentido, foi iniciado o movimento de um “boom” turístico, com fluxos massivos de visitantes para a região, principalmente, nas altas temporadas, o que favoreceu também a ampliação das construções das casas de veraneio.

Nesse movimento de expansão capitalista na região, alguns efeitos foram evidentes também na nomenclatura das brincadeiras locais, como as anteriormente denominadas “cafifas” que se tornaram “pipas” no vocabulário cotidiano. Além disso, os próprios lugares tiveram os seus nomes modificados para se tornarem mais atraentes aos olhos dos turistas, a partir de uma lógica cruel e violenta de “turistificação” dos bens patrimoniais locais, que constituíam elementos essenciais para o próprio cotidiano das comunidades locais. Parece ter assim ocorrido uma transformação do vocabulário local, a partir da falsa percepção da superioridade dos visitantes da metrópole, na origem de uma relação perversa de subordinação.

Sobre essa questão, é interessante notar que nesse momento parece ter se afirmado um sentimento coletivo de perda da cultura linguística, ou ainda, um “roubo da cultura” local, de modo que as comunidades da região percebem, mesmo atualmente, os efeitos da imposição do ideal de “progresso” como violenta em seu cotidiano, a partir de uma dinâmica de desenvolvimento imposta, sem respeitar os saberes e práticas tradicionais locais, com consequências evidentes nas próprias práticas de lazer.

c) Percepções insurgentes

As narrativas comunitárias insurgentes se expressam pelas vias de fuga e desvio das normas impostas pelos setores turístico e imobiliário no território, com base em uma perspectiva de mundo colonial-moderna homogeneizante. Como anteriormente discutido, embora a prática do lazer na região venha sendo controlada socialmente pelos interesses do setor privado, que busca mercantilizar as naturezas e as culturas, parece fundamental reconhecer as potentes ações em curso que vem sendo lideradas pelas comunidades locais e que vem contribuindo para um movimento relevante, no contrafluxo desse processo, delineando desenhos alternativos de autogestão do território e caminhos para a conquista de autonomia coletiva e para a coprodução de uma outra realidade.

Com esse direcionamento, uma primeira questão a ser abordada é a aposta comunitária na organização e no fortalecimento do coletivo, a partir da identificação de uma relação assimétrica de poder imposta entre os “de fora” e os “da terra”. Assim, os atores locais percebem ter havido uma tentativa intencional e estratégica de desarticulação comunitária, para despotencializar a luta e a reivindicação por direitos, frente às ameaças externas. Além disso, parece cada vez mais evidente o reconhecimento coletivo das injustiças historicamente consolidadas. Nesse sentido, parece estar em configuração um movimento que busca articular o coletivo, com o objetivo de resgate cultural, frente às pressões exercidas pelos “de fora” que se apropriam, cada vez mais, do território. Nesse caso, um sentido de, “despertar comunitário” em relação às tendências de exclusão social e as injustiças históricas associadas ao contexto regional.

Outro aspecto que chama atenção no cotidiano local é a valorização dos encontros comunitários, com o sentido de lazer, nos quais a fruição da cultura ocorre pela via da luta, ou como localmente denominados pelas comunidades envolvidas, como “revoltas boas”, associadas a um profundo movimento de questionamento sobre as estruturas sociais que, não raro, reproduzem formas históricas de violência e opressão colonialistas. Vale considerar, também, o desejo coletivo por reconhecimento, em um contexto de forte invisibilização intencional das culturas locais, com o objetivo de mercantilização dos espaços de beleza cênica e paisagística, como praias, lagoas, lagunas e costões rochosos, para usufruto do público externo à região ou dos turistas que ali acedem principalmente nas altas temporadas.

Nesse sentido, um ponto importante a ser enfatizado nesse debate se refere às pressões exógenas ao território que buscam “esterilizar” e desencantar a vida, com base em dispositivos de opressão e dominação historicamente construídos. Na contramão dessa tendência, as práticas de lazer comunitárias tendem a contribuir para um sentido compartilhado de espontaneidade, improvisação e fruição lúdica da cultura, no sentido de potencializar as vias de reafirmação e recriação da vida no coletivo. Assim, a prática do lazer expressa, em sua base, uma dimensão de espaço-tempo não fragmentada, incorporada à própria realidade e ao cotidiano das comunidades envolvidas, como uma via para o reencantamento da vida comunitária e como caminho de resistência à apropriação do território pelo mercado.

Por todas as razões anteriormente discutidas, embora seja evidente a tendência de simplificação e banalização sobre o tema do lazer em pesquisas acadêmicas, a partir da sua decodificação como tópico apenas secundário e periférico com relação às demais dimensões da vida em sociedade (reafirmando o sentido de “lazer simulacro”), outros caminhos parecem estar se delineando para alimentar o debate, no contexto latino-americano. Uma análise crítica e não apenas instrumental com relação ao tema parece revelar inúmeras nuances subjetivas associadas a essa reflexão que descortinam questões densas sobre as relações historicamente construídas na dinâmica de subjugação entre o Norte e o Sul Global que se refletem, ainda, na manutenção do próprio *status quo* de um mundo em crise.

5. CONCLUSÃO

A partir de uma leitura comunitária sobre o lazer foi possível a apreensão de importantes pistas para se buscar responder, ainda que preliminarmente e de forma situada, à questão inspiradora mais ampla da pesquisa que teve origem em uma certa inquietação acadêmica, com o objetivo de desbravar as maneiras pelas quais esse se expressa no cotidiano dos povos e comunidades tradicionais do Sul Global. Diante desse questionamento foi possível apreender, na imersão em campo, um sentido não linear de tempo e espaço, partilhado por diferentes cosmovisões comunitárias, no qual o sentido do lazer se expressa em contraposição ao seu significado convencional, difundido entre as sociedades industrializadas e modernas, abrangendo desde ações políticas pelo reconhecimento dos direitos ao território até celebrações populares, eventos lúdicos e demais manifestações coletivas da cultura. A pesquisa parece indicar, portanto que, nos territórios do Sul Global, o lazer se constitui como uma via potente

para a reafirmação dos valores associados ao sentido existencial coletivo e para o engajamento ético-político, no processo de transformação da própria realidade.

Desse modo, no contexto atual, caracterizado por um sentido de policrise civilizatória decorrente, em parte, da dinâmica de colonialidade do poder e da imposição do saber pelo Norte Global, retomar o questionamento do que pode significar o lazer em termos de sua potência transformadora e subversiva, segundo uma leitura descolonial, tende a contribuir para ampliar o debate crítico sobre o tema. Esse caminho tende a possibilitar, ainda, compreendê-lo segundo uma outra dinâmica de espaço-tempo, na abertura para o lúdico, possibilitando ensaios prefigurativos de insurgências e transgressões ao sistema instituído, em uma revolução brincante dos modos de ser e se relacionar consigo mesmo e com outros seres humanos e não-humanos. Assim, uma prática de lazer associada a um outro sentido de espaço-tempo, na disponibilidade à reinvenção, ao reencantamento e à reafirmação da vida no contexto do coletivo e na articulação com o cotidiano de povos e comunidades tradicionais, cujas práticas vêm sendo cotidianamente ameaçadas pelas tendências capitalistas/neoliberais de apropriação dos territórios, das naturezas e das culturas.

Considerando a complexidade do tema em foco e as inúmeras lacunas ainda sem respostas, para investigações futuras, seria interessante que além da Região Turística da Costa do Sol, pesquisas fossem empreendidas no contexto de outros territórios da América Latina, para que se possa melhor decodificar a pluralidade de percepções sobre o lazer no Sul Global e para que se possa desmistificar a leitura convencional e instrumental dominante sobre o tema.

REFERÊNCIAS

- Araóz, H. M. (2020). *Mineração, genealogia do desastre: O extrativismo na América como origem da modernidade*. São Paulo: Editora Elefante.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Beaud, S., & Weber, F. (2003). *Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados etnográficos*. Petrópolis: Vozes.
- Bispo dos Santos, A. (2015). *Colonização, quilombos: Modos e significações*. Brasília: INCT.
- Carvalho, J. J. de. (2010). 'Espetacularização' e 'Canabalização' das culturas populares na América Latina. *Revista Antropológicas*, 14(21), 39–76.
<https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/revistaantropologicas/article/view/23675/19331>
- Corrêa, W. B., & Fontenelle, T. H. (2012). O Parque Estadual da Costa do Sol: Contextualização e críticas ao processo de instituição. *Revista Geonorte*, 3(4, Edição Especial), 1150–1160.
- Figueiredo, S. L., & Saré, L. L. P. (2014). Usos e práticas do lazer e dos tempos livres: Do consumo à procura pela felicidade. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 1(3), 148–164. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/465/307>
- Fonseca, R. A. A., Irving, M. A., Nasri, Y. G. X., & Cabral, B. L. F. (2023). Nos rastros das (novas) territorialidades: O pluriverso como inspiração para as transições desejáveis ao bem viver. *Revista Mosaicos: Estudos em Governança, Sustentabilidade e Inovação*, 5, 55–73.
<https://revistamosaicos.isaebrasil.com.br/index.php/EGS/article/download/94/63/>

- Gomes, C. L. (2004). *Dicionário crítico do lazer*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Gomes, C. L., Osorio, E., Pinto, L., & Elizalde, R. (Orgs.). (2009). *Lazer na América Latina / Tiempo libre, ocio y recreación en Latinoamérica*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Gomes, C. L. (2011). Mapeamento histórico do lazer na América Latina: Em busca de novas abordagens para os estudos sobre o tema. In H. F. Isayama & S. R. Silva (Orgs.), *Estudos do lazer: Um panorama* (pp. 145–164). CELAR/UFMG.
- Gomes, C. L. (2017). Estudos sobre a temática do lazer na América Latina: Um panorama. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, 55–65. <https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/cd60d6f0/04d8/4c03/8804/ce32d3fdc787.pdf>
- Gutierrez, G. L. (2000). Lazer, exclusão social e militância política: Um ensaio a partir de aspectos do contemporâneo. In H. T. Bruhns (Org.), *Temas sobre o lazer* (pp. 65–84). Campinas: Autores Associados.
- IOT. (2018). *Inventário da oferta turística do estado do Rio de Janeiro – Região Costa do Sol*. Universidade Federal Fluminense, Secretaria de Estado de Turismo.
- Kopenawa, D., & Albert, B. (2015). *A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami* (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo* (1ª ed.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Krenak, A. (2020). *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras.
- La Rovere, R., Irving, M. A., & Lima, M. A. G. (2015). Turismo e sustentabilidade: Contexto, obstáculos e potencialidades no Estado do Rio de Janeiro. In M. Osório et al. (Orgs.), *Uma agenda para o Rio de Janeiro: Estratégias e políticas públicas para o desenvolvimento socioeconômico*. Rio de Janeiro: FGV Editora.

- Martins, J. C. de O. (2016). Lazeres e tempos livres, entre os ócios desejados e os negócios necessários. *Revista do Centro de Pesquisa e Formação*, 2, 51–58.
- Maurício, J. S. de S., Eugênio, J. de O., Paula, J. A. de, Soares, K. C. P. C., & Nunes, R. R. (2021). Lazer e a opção decolonial: Diálogos teóricos e possibilidades de construções contra-hegemônicas. *Licere*, 24(1), 695–725.
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/29756>
- Mónico, L. S., Alferes, V. R., Castro, P. A., & Parreira, P. M. (2017). A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. *Anais do 6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa*, 3, 724–733.
- Nasri, Y. X. G. (2018). *Interpretando o uso público pela lente do religare entre sociedade e natureza: O caso do Parque Estadual da Costa do Sol (RJ)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. <https://buscaintegrada.ufrj.br/Record/aleph-UFR01-000881215/Description>
- Nasri, Y. X. G., Irving, M. A., & Lima, M. A. G. (2020). Parque Estadual da Costa do Sol (RJ): Patrimônio natural estratégico para o turismo regional? *Papers do Naea*, 29, 428–441.
<https://periodicos.ufpa.br/index.php/pnaea/article/view/10440>
- Nasri, Y. X. G. (2023). *Sol, praia e parque: Narrativas insurgentes sobre o lazer de base comunitária na Região Turística da Costa do Sol (RJ, Brasil)* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. http://pos.eicos.psicologia.ufrj.br/wp-content/uploads/Tese_Yasmin_Nasri.pdf
- Nasri, Y. X. G., Cabral, B. L. F., Irving, M. A., Lima, M. A. G., & Fonseca, R. A. A. (2023). Arranjos locais para o lazer de base comunitária: Regiões litorâneas do Rio de Janeiro

- e do Paraná como laboratórios vivos de análise. *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 16, 116–139. <https://each.usp.br/turismo/publicacoesdeturismo/ref.php?id=16678>
- Pessoa, V. L. de F. (2020). Lazer, natureza e o saber da experiência. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 7(2), 99–113. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/21910>
- Quijano, A. (2000). Modernidad y democracia: Intereses y conflictos. *Anuario Mariateguiano*, 13(12).
- Quijano, A. (2005). Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina. *Revista de Estudos Avançados*, 19(55). <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10091>
- Rodrigues, L. P. da C., Araújo, P. do S. C. de, & Baptista, T. J. R. (2020). O direito esquecido pelo tempo consumido: Lazer e mobilidade urbana em Belém-PA. *Licere*, 23(2), 180–205. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/article/view/24008>
- Rodrigues, M. M. (2019). *Rasa e as imagens do turismo: Olhares quilombolas (Armação dos Búzios-RJ)* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro]. <https://buscaintegrada.ufrj.br/Record/aleph-UFR01-000897225/Details>
- Rufino, L. (2019). *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro: Mórula Editorial.
- Setur. (2017). *Regionalização turística do Estado do Rio de Janeiro*. Secretaria de Turismo. <https://www.turismo.rj.gov.br/>
- Simas, L. A. (2021). *O corpo encantado das ruas* (8ª ed.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Teixeira, J. G. (2017). *Turismo no Parque Estadual da Costa do Sol, RJ: Relações e conflitos entre atividade turística, unidade de conservação e população local* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal Fluminense]. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/7461>

Toro-Arango, B. (2018). Ética del cuidado: El nuevo paradigma educativo: Elementos para una nueva cosmovisión. *Cuadernos del SIEI*.

Vieira, J. L. B. (2014). Lazer, cultura e folclore: Uma aproximação entre grandes áreas de conhecimento. *Revista Brasileira de Estudos do Lazer*, 1(3), 148–164.
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/rbel/article/view/445>

FORMATO PARA CITAÇÃO DESTE ARTIGO

Nasri, Y. X. G., Irving, M. A. & Costa, S. L. (2025). Brincar e Transgredir: Perspectivas comunitárias sobre o lazer na Região Turística da Costa do Sol (RJ, Brasil). *Revista de Turismo Contemporâneo*, 13(2), 923-942. DOI 10.21680/2357-8211.2025v13n2ID38079
